

# GRAMATICALIZAÇÃO DE *PEGAR* COMO INDICADOR DE ASPECTO GLOBAL

Laralis Nunes de Sousa  
Departamento de Letras – UFRN

## RESUMO

Ancorados pelos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico de vertente Norte-Americana, para o qual a língua é um sistema aberto, flexível e altamente afetado pelos usos que dela se faz, vimos apresentar os resultados e conclusões preliminares de nossa pesquisa sobre a gramaticalização do verbo *PEGAR* em construções do tipo [*PEGAR* (E) V2], em que atua como indicador de aspecto verbal. Compreendendo por gramaticalização o fenômeno de transição de um item linguístico do *status* lexical para o *status* gramatical ou de um item linguístico de *status* gramatical para um *status* mais gramatical ainda, selecionamos 13 dados de escrita e 32 dados de fala de sujeitos de Natal-RN e do Rio de Janeiro-RJ, os quais foram controlados de acordo com três grupos de fatores, a saber: (i) referentes do sujeito de V1 e de V2; (ii) presença de objeto direto como complemento de *PEGAR* entre V1 e V2; e (iii) presença de material interveniente entre V1 e V2. Os resultados obtidos por meio desse controle foram, posteriormente, avaliados conforme os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002), que nos permitem averiguar o grau de autonomia de um item linguístico e, conseqüentemente, seu grau de gramaticalização. Por ora, temos a dizer que o comportamento de *PEGAR* evidencia gramaticalização avançada, principalmente pela alta conexividade entre ele e o verbo em posição de V2.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo Lingüístico; Gramaticalização; Aspecto Verbal Global; Perífrase [*PEGAR* (E) V2].

## INTRODUÇÃO

O texto ora apresentado é fruto de uma pesquisa maior intitulada “*Eu peguei e pesquisei o verbo “PEGAR” como indicador de aspecto global no PB<sup>1</sup>*”, ainda em andamento, que tem por base os pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana, para o qual a gramática da língua é um sistema aberto, altamente flexível, suscetível a alterações provocadas pela rotinização dos usos que a ela se dá. O objetivo principal do trabalho desenvolvido foi analisar o verbo *PEGAR* em construções perifrásticas do tipo [*PEGAR* (E) V2] quanto ao seu grau de gramaticalização.

Nossa motivação para o desenvolvimento desse trabalho foi a constatação de que, no português falado no Brasil, o verbo *PEGAR* vem sendo utilizado em estruturas e com sentidos que fogem àquele primeiro ou mais concreto, como o observado em orações do tipo “*Quem nunca pegou o Celular antes dele cair no chão*”

---

<sup>1</sup> Português Brasileiro.

*não sabe o que é ser NINJA!*<sup>2</sup>, em que o significado do verbo em destaque é tomar com a mão, catar, apanhar. Diferentemente do que acontece nesse caso, temos observado PEGAR sendo empregado em estruturas do tipo “*Daí eu menti que morava muito longe dali e ia deixar o cachorro lá na veterinária e ia lá pegar mais dinheiro mais daí ele pegou e dedou assim mesmo*”<sup>3</sup>, em que o emprego e o significado desse verbo não são os mesmos que os do primeiro exemplo. Desse modo, constatada essa utilização inovadora de PEGAR, bem como a falta de pesquisas que dessem conta desse fenômeno em curso no PB, nos propusemos a investigar as peculiaridades que envolve a aplicação desse verbo nas construções do tipo [PEGAR (E) V2].

A hipótese inicial que nos guiou pelos caminhos percorridos durante a pesquisa foi a de que PEGAR está passando por processo de gramaticalização. Consideramos gramaticalização o “[...] processo de rotinização através do qual uma palavra ou construção lexical frequentemente utilizada em situações comunicativas particulares adquire, no curso do tempo, *status* de elemento gramatical, ou pelo qual uma palavra ou construção já pertencente ao elenco de elementos gramaticais de uma língua migra para uma nova função gramatical” (TAVARES, 2003). No caso de PEGAR, observa-se exatamente o que preconiza o conceito apresentado: o verbo está deslocando-se de um *status* lexical, pleno, mais concreto – aquele anteriormente referido com o significado de tomar com a mão, catar e apanhar – para um *status* gramatical, mais abstrato, cujo valor real está mais relacionado à língua do que ao mundo socioantropocultural.

Vários dos mais renomados pesquisadores do Funcionalismo Linguístico têm se aplicado no estudo da gramaticalização. Embora tenhamos feito leituras de textos de alguns desses autores para fundamentarmos teoricamente nosso trabalho, destaca-se em nossa pesquisa as considerações feitas por Lehmann (2002) sobre o tema, sobretudo aquelas referentes aos parâmetros de aferição do grau de autonomia de uma estrutura linguística. Ora, tais parâmetros são relevantes para nós porque o grau de autonomia de um item linguístico é inversamente proporcional ao seu grau de gramaticalização, ou seja, quanto mais gramaticalizada uma forma linguística estiver, menos autônoma estará.

São seis os parâmetros criados por esse pesquisador, três do eixo paradigmático e três do eixo sintagmático. Os parâmetros do eixo paradigmático permitem a análise da integração entre os aspectos semânticos do signo estudado, de seu grau de atuação no domínio funcional das formas de expressão de que participa e as chances de ser escolhido em detrimento de outros itens de valor semântico-pragmático semelhante. Os parâmetros do eixo sintagmático nos permitem analisar quais as relações mantidas entre o item em análise e os outros constituintes das estruturas que integra, seu posicionamento e seu grau de mobilidade na estrutura. Em decorrência do fato de nossa análise deter-se sobre apenas um item linguístico, fica inviável o usufruto dos parâmetros paradigmáticos de Lehmann (2002), uma vez que eles são aplicáveis apenas em casos de análise de mais de um item linguístico, porque, obviamente, um paradigma pressupõe elementos classificáveis em um mesmo grupo por convergência de determinada característica ou função num dado contexto.

---

<sup>2</sup> Disponível em < [twitter.com/guedestiago/status/66496904552398848](https://twitter.com/guedestiago/status/66496904552398848) >. Acesso em 05 jun 2011.

<sup>3</sup> Disponível em < <http://www.racaboxer.com.br/blog/2007-04-03/henrique-um-amigo-do-nosso-site-e-sua-tristeza-com-a-partida-do-seu-melhor-amigo.html> >. Acesso em 26 jul 10.

Como já mencionado, os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002) são três. O primeiro parâmetro é o do *escopo*, ou *do peso*, que se refere à extensão do construto linguístico em cuja formação o item analisado se insere: quanto menor a autonomia do item, menor seu escopo. O segundo parâmetro é o da *conexidade sintagmática*, ou *da coesão sintagmática*, que diz respeito ao grau de coesão de um item com outro, ou seja, ao grau de sua ligação a outros signos ou de sua dependência em relação a eles: quanto mais dependente determinado item for de um outro, tanto mais avançado será seu grau de gramaticalização. O terceiro parâmetro, por fim, é o da *variabilidade sintagmática*, do qual pode-se dizer que faz referência às possibilidades de mobilidade de um item na construção de que participa: quanto mais fixa a posição de um item dentro de um sintagma, menor a sua autonomia. Esses parâmetros estipulados por Lehmann (2002) nos serviram como ferramenta para, a partir dos números obtidos após o controle dos grupos de fatores já mencionados e do tratamento estatístico dado aos dados do *corpus*, mensurarmos o grau de gramaticalização de PEGAR na perífrase em análise.

Nessa nova função que vem exercendo, optamos por classificar PEGAR como um verbo indicador de aspecto global. Segundo Tavares (2005), verbos indicadores de aspecto global são verbos utilizados geralmente perifrasticamente com outro verbo para acentuar o conjunto da ação expressa por esse segundo. De acordo com Bechara (2004:217), os verbos indicadores de aspecto global têm significação enfática, podendo, em alguns casos, ser equivalente a expressões do tipo “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”.

Neste documento, vimos apresentar parte dos resultados a que chegamos com nosso trabalho, o qual tem como *corpus* 45 ocorrências da perífrase [PEGAR (E) V2] em textos falados e escritos de sujeitos naturais da cidade de Natal-RN (13 dados) e da cidade do Rio de Janeiro-RJ (32 dados). Originalmente, esses dados foram analisados de acordo com dez grupos de fatores que abrangiam aspectos morfossintáticos, semântico-pragmáticos e entoacionais da construção em questão. Aqui, apresentaremos os resultados obtidos pelo controle de três dos dez grupos de fatores controlados, quais sejam: (i) *referentes do sujeito de V1 e de V2*; (ii) *presença de objeto direto entre V1 e V2*; e (iii) *presença de material interveniente entre V1 e V2*.

## OBJETIVOS

1. Descrever e analisar as propriedades morfossintáticas que caracterizam o uso do verbo PEGAR como indicador de aspecto global em textos falados e escritos do português brasileiro contemporâneo levando em conta os pressupostos teóricos gerais referentes ao fenômeno da gramaticalização e os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002);
2. Contribuir para a descrição e a análise do português falado e escrito nas Regiões Nordeste e Sudeste, e possibilitar futuras comparações com resultados provenientes de pesquisas que venham a ser realizadas em outras regiões do país, o que permitirá que sejam obtidos panoramas bastante completos a respeito do uso do verbo PEGAR como indicador de aspecto global no português brasileiro como um todo.

## METODOLOGIA

Obtivemos nossos dados em um *corpus* constituído por textos falados e escritos do português brasileiro contemporâneo pertencentes aos *corpora Discurso e Gramática* do Rio de Janeiro (RJ) e de Natal (RN) (cf. FURTADO DA CUNHA, 1998; VOTRE; OLIVEIRA, 1995). De cada um desses *corpora*, consideramos 20 textos orais e 20 textos escritos correspondentes, totalizando 80 textos. Encontramos, ao todo, 45 ocorrências da construção [PEGAR (E) V2], das quais 32 foram produzidas por indivíduos da comunidade carioca e 13 por indivíduos da comunidade natalense. Cada um dos 45 casos foram analisados de acordo com três grupos de fatores para aferição do grau de gramaticalização de PEGAR enquanto indicador de aspecto global. Os grupos de fatores foram os seguintes:

I. *Referentes do sujeito de V1 e de V2*: (i) sujeitos correferentes; (ii) sujeitos não-correferentes; (iii) não se aplica (casos em que só há V1, introduzindo discurso direto).

Exemplos:

- (i) (...) então meu pai *pegou* e foi embora com o carro. (4)
- (ii) *Não houve nenhuma ocorrência desse tipo no corpus.*
- (iii) ... eles *pegaram* “ó isso aqui importaram ... se isso aqui tivesse ... se essa arma tivesse na ... na polícia do ... do Rio de Janeiro uma coisa dessa num teria acontecido”... (41)

II. *Presença de objeto direto entre V1 e V2*: (i) objeto presente; (ii) objeto ausente.

Exemplos:

- (i) *Não houve nenhuma ocorrência desse tipo no corpus.*
- (ii) ... eu *peguei* ... falei assim “não ... a gente mora lá na Vila Adelaide ...” (21)

III. *Presença de material interveniente*: (i) material presente; (ii) material ausente.

Exemplos:

- (i) Os meninos *pegam* na hora da aula ficam bagunçando e fazem das carteiras verdadeiras cadeiras de balanço o chão como e de cimento já está ficando só os baracas. (37)
- (ii) eu *pego* ... coloco água ... na panela ... claro ... só pode ser na panela ... (38)

Após a codificação, demos tratamento estatístico aos dados, cujos resultados dispusemos em tabelas (constantes na seção *Resultados e Discussão* deste artigo). Posteriormente, analisamos os números a que chegamos com base nos pressupostos gerais do fenômeno da gramaticalização e nos parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso *corpus* apresentou um total de 45 ocorrências do verbo PEGAR em perífrases do tipo [PEGAR (E) V2]. Para a classificação de cada uma dessas ocorrências, as controlamos utilizando para isso três grupos de fatores. Nesta seção, nos incumbiremos de expor os resultados obtidos após o tratamento estatístico dos dados a que chegamos por meio desse controle. Além disso, discutiremos esses resultados de acordo com os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002).

O primeiro grupo de fatores controlados, *referentes do sujeito de V1 e de V2*, mostrou que, de 45 (100%) ocorrências de PEGAR como aspectualizador global, 44 (98%) continham sujeitos correferentes entre V1 e V2. Nenhum caso de sujeitos não correferentes foi constatado e em 1 caso (2%) constatamos que havia apenas V1 introduzindo discurso direto, impossibilitando sua análise (“não se aplica”), pois, não havendo V2, não há como analisar a possibilidade de correferência entre sujeitos. Abaixo, segue tabela com os dados aqui apresentados dispostos:

	Frequência	%
Sujeitos correferentes	44	98
Sujeitos não-correferentes	0	0
Não se aplica	1	2
Total	45	100

**Tabela 1: Referentes do sujeito de V1 e de V2**

O segundo grupo de fatores controlados, que verificou a *presença de objeto direto entre V1 e V2*, trouxe à luz que 45 (100%) dos dados não apresentaram objeto direto. Segue tabela com tais números:

	Frequência	%
Objeto presente	0	0
Objeto ausente	45	100
Total	45	100

**Tabela 2: Presença de objeto direto entre V1 e V2**

O terceiro grupo de fatores, relativo à *presença de material interveniente*, permitiu-nos verificar que 44 (98%) ocorrências da perífrase tiveram material interveniente ausente e uma (2%) ocorrência teve material interveniente presente. A seguir, a tabela sintetizadora desses dados:

	Frequência	%
Material presente	1	2
Material ausente	44	98
Total	45	100

**Tabela 3: Presença de material interveniente**

A leitura interpretativa dos números acima dispostos feita com o auxílio das lentes de cada um dos três parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002) nos permite identificar interessantes e importantes fatos e indícios sobre a gramaticalização de PEGAR como verbo indicador de aspecto global bem como seu possível *status* de verbo auxiliar participante de um sintagma verbal complexo.

Utilizando a primeira das três lentes de que dispomos, a do *parâmetro do escopo*, depreendemos dos resultados expressos nas tabelas que o alcance de PEGAR na perífrase em questão chega ao verbo que o acompanha na construção (V2), uma vez que altera seu significado atribuindo-lhe traços do tipo [+inesperado], [+surpreendente], [-hesitante] entre outros de ordem semelhante.

Em segundo lugar, seria possível afirmarmos que o escopo de PEGAR recai também sobre o sujeito da construção. Isso significa que o único sujeito materializado, anteposto a PEGAR, seria explicitamente o sujeito desse verbo e também o referente do sujeito elíptico de V2, inferível por sua desinência verbal coincidente com a do V1.

A correferência constatada na totalidade dos casos, entretanto, nos faz questionar a participação de PEGAR na seleção do sujeito referente da perífrase. Não seria o caso de pensarmos que PEGAR e V2 participam, na verdade, de um único sintagma verbal; que, na realidade, é V2 que seleciona o sujeito desse sintagma, exercendo a função de verbo principal numa locução verbal; e que, assim sendo, PEGAR seria um verbo auxiliar com a finalidade de acrescentar noções aspectuais ao evento denotado por V2? Segundo Bechara (2010:205), “muitas vezes o auxiliar empresta matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados aspectos do verbo”, o que condiz com nossa hipótese de que PEGAR exerce função de verbo auxiliar aspectualizador verbal. Caso tal hipótese seja confirmada, o escopo de PEGAR se reduzirá apenas ao verbo em posição de V2, o que acentua seu grau de gramaticalização.

A não seleção de objeto direto pelo verbo em análise (que quando utilizado com seu sentido pleno quase que obrigatoriamente apresenta complemento não preposicionado), mas somente por V2, além de restringir o escopo de PEGAR, parece ratificar a proposição de que esse verbo exerce função auxiliar num possível sintagma verbal complexo que compõe com o verbo que o segue, além de a ele atribuir grau mais avançado de gramaticalização.

Passemos à segunda lente a ser utilizada na leitura dos resultados, a do *parâmetro da conexão* entre V1 e V2. Um dos principais indícios de conexão entre os verbos da perífrase analisada é a rara ocorrência de material linguístico entre eles. Em nossa pesquisa, observamos que houve apenas uma ocorrência de material interveniente em todo o *corpus*<sup>4</sup>, a qual funciona como adjunto adverbial na oração de que participa<sup>5</sup>. Essa baixíssima frequência de material interveniente indicia alta coesão entre os verbos constituintes da perífrase em estudo que, além do adjunto adverbial, apresentou apenas a pausa e a conjunção E intercalada entre V1 e V2, itens recorrentes em sintagmas verbais complexos de outras línguas românicas, bem como do sueco, do norueguês e do dinamarquês.

Afora essas evidências, a totalidade de correferência entre os sujeitos de V1 e V2 pode ser considerada indicio de conexão entre PEGAR e seu par na perífrase de que participa, pois, obrigatoriamente, ambos apresentaram mesma flexão número-

---

<sup>4</sup> Não consideramos *pausa*, a *conjunção E* ou *objeto direto* como material interveniente a ser controlado pelo grupo de fatores denominado *Presença de material interveniente entre V1 e V2*.

<sup>5</sup> O dado foi o seguinte: *Os meninos pegam na hora da aula ficam bagunçando.* (37)

peçoal e modo-temporal, o que aponta a uma possível dependência existente entre os dois verbos e, consequentemente, o avançado grau de gramaticalização do V1 em questão. Caso a hipótese de que a construção se trata de um sintagma verbal complexo, a dependência, na verdade, será de PEGAR, verbo auxiliar, em relação a V2, verbo principal.

Por fim, deve-se dizer que a ausência de objeto direto selecionado por PEGAR reforça a ligação entre esse verbo e V2, pois a seleção de complemento por PEGAR implicaria tanto na interposição de material linguístico entre esse verbo e V2 quanto colocaria em xeque a hipótese de que a construção em questão se trata de um único sintagma verbal. Como isso não aconteceu, a hipótese fica mantida.

Finalmente, tomemos a terceira lente para leitura dos dados disponíveis, a do *parâmetro da variabilidade sintagmática*. Sobre esse parâmetro devemos atentar para o fato de que, no *corpus* selecionado, PEGAR sempre teve posição fixa tanto em relação ao sujeito quanto em relação a V2 e à conjunção E, quando essa ocorreu. Isso quer dizer que PEGAR indicador de aspecto global não foi empregado antes do sujeito, mas sempre posposto a ele (\*PEGOU ele disse); quer dizer, ainda, que PEGAR ocorreu somente anteposto à conjunção E e não posposto a ela (\*ela e PEGOU disse); e que PEGAR não apareceu posposto a V2, senão apenas anteposto a ele (\*ela e disse PEGOU). Assim, fica evidente a perda de mobilidade que o verbo em destaque apresenta quando utilizado como aspectualizador, o que não ocorre quando utilizado como verbo pleno. Fica claro, portanto, que a posposição ao sujeito e a anteposição à conjunção E e a V2 é condição para que PEGAR funcione como indicador de aspecto global. Tal fixidez, constatada em 100% dos dados, é indício, segundo os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002), de que o verbo analisado goza um estágio avançado de gramaticalização.

## PROVISÓRIAS CONCLUSÕES

A pesquisa realizada nos permitiu observar que, segundo os parâmetros sintagmáticos de Lehmann (2002), o verbo PEGAR está em processo avançado de gramaticalização, pois, na perífrase [PEGAR (E) V2], ficou atestado, em primeiro lugar, seu reduzido escopo sobre o sintagma de que participa, restringindo-se ao V2 da perífrase e a um possível sujeito, o qual, por ser em 100% dos casos correferente com o sujeito de V2, leva-nos a propor que a construção perifrástica estudada é, na verdade, uma locução verbal em que PEGAR é o verbo auxiliar e V2 é o verbo principal. Não apenas a correferência dos sujeitos nos leva a essa interpretação, mas também a ausência de objeto direto selecionado por V1 em todo o *corpus* analisado.

A gramaticalização do verbo em foco também ficou atestada por seu alto grau de conexão com V2, sobretudo pela baixa ocorrência de material interveniente entre eles: não houve nenhuma ocorrência de objeto direto entre V1 e V2, e a única ocorrência de adjunto adverbial entre os verbos é esperada em construções desse tipo. Quanto à interpretação de que PEGAR tem papel auxiliar em uma possível locução verbal, a ocorrência do adjunto adverbial entre os verbos não parece ser um empecilho para sua sustentação, pois, como já dito, esse é um acontecimento comum entre verbos aspectualizadores verbais e o V2 a ele associado em outras línguas, sendo aceitável, portanto, também no PB.

Por fim, o parâmetro da variabilidade sintagmática também denunciou que PEGAR passa por um avançado processo de gramaticalização, uma vez que esse item linguístico não tem mobilidade na construção de que participa, permanecendo fixo na totalidade dos dados posposto ao sujeito, anteposto à conjunção E – quando essa está presente – e anteposto a V2. Isso novamente atesta a potencialidade auxiliar verbal de PEGAR, uma vez que no PB a posição prototípica do verbo auxiliar em sintagmas verbais complexos é posposta ao sujeito da locução e anteposto ao seu verbo principal., o qual, na perífrase em análise, corresponde ao V2.

Finalizamos este trabalho expressando a necessidade de que se dê prosseguimento à análise da perífrase [PEGAR (E) V2], levando-se em conta a necessidade de se expandir o *corpus* utilizado, tornando-o quantitativamente maior e mais variado do que o atual, que contemple inclusive dados de Estados nacionais que não foram contemplados nesta análise, para que se façam afirmações mais seguras tanto com relação à gramaticalização do verbo PEGAR quanto com relação a sua função de verbo auxiliar na perífrase estudada.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 209-221.

DUTRA, R. *O falante gramático: introdução à prática do estudo e ensino do português*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 94-107.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2.ed. Erurt, 2002. p. 108-143.

LEITE, S. C.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 69-195.

RODRIGUES, A. T. C. *As construções do tipo foi fez*. 2005. Impresso.

STEFANOWITSCH, A. The *GO-AND-VERB* construction in a cross-linguistic perspective: image-schemablending and the construal of events. In: NORDQUIST, D.; BERKENFIELD, C. (Eds). *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999. (versão offprint)

TAVARES, M. A. Perífrases [V1 (E) V2] em gêneros escritos: propostas para um ensino de gramática baseado no texto. *Linguagem e ensino*, v. 11, n. 2. 2008. p. 329-347.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização: o caso da indicação de aspecto global através da construção [V1auxiliar (PEGAR, CHEGAR, IR, etc) (E) + V2principal]. Projeto de pesquisa. 2005. Impresso.

\_\_\_\_\_. “Eu pego e estudo pra prova”: verbo auxiliar? In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Orgs.) *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009. p. 43-51.